

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º A entrega	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 103	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
	36 n.º	18 n.º	9 n.º			
Portugal (franco de porte, moeda forte)	35000	15000	5000	5120		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco António das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas, (idem).....	40000	20000	-	-		É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.
Estrangeiro (união geral dos correios).....	50000	25000	-	-		
Brazil (moeda fraca).....	150000	75000	-	-		

1 DE NOVEMBRO 1881



CREANÇAS DE VALENCIA DE ALCANTARA PRESENTEANDO D. AFFONSO XII — ACAMPAMENTO REAL EM VALENCIA DE ALCANTARA
VISTA DE CACERES — COMBOIO REAL — HABITANTES DE HERREKUELA

INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DIRECTO DE MADRID Á FRONTEIRA DE PORTUGAL, 8 DE OUTUBRO DE 1881

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — O terramoto de Lisboa no 1.º de novembro de 1755, BRITO RERELLO — As nossas gravuras — Largo da Alfandega e ponte em Moçambique, AUGUSTO DE CASTILHO — Progressos da Telegraphia — A edição dos Lusiadas de Emilio Biel.

GRAVURAS. — Inauguração do Caminho de Ferro Directo de Madrid à Fronteira de Portugal — Conselheiro Manuel Puarque de Macedo, Ministro de Estado do Brasil — General José Maria de Pinha — África Portuguesa, Moçambique, Largo da Alfandega e ponte — Lisboa, Cemiterio Occidental — Oliveira de Azemeis, Egreja Matriz — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Envergonhamo nos realmente de ter de falar todos os dias no theatro de S. Carlos e de lhe darmos o lugar de honra na nossa chronica. Mas não podemos furtar-nos a isso desde o momento em que o paiz lhe dá o lugar de honra nas suas attenções, ao mesmo tempo que não nos fornece assumtos de mais alcance e de maior importancia.

Vamos, pois, envergonhados, tornar a falar em S. Carlos.

A empreza comprehendeu finalmente que o publico queria ver no theatro de S. Carlos alguma coisa mais que o olhar severo do sr. Arrobas, e os bigodes e peras dos policias disfarçados, plantados pelas cadeiras e pela geral, e como a intenção do paiz, subsidiando o theatro lyrico, e a do publico, pagando os seus logares, não é precisamente a de ter ali, no vasto theatro da rua Nova dos Martyres, uma vasta exhibição de forças policiaes, o sr. Freitas Brito resolvendo-se a escripturar uma artista a valer, que lhe custa mais caro seguramente que os lugares fornecidos ao pessoal de todas as esquadras policiaes de Lisboa, mas que, em compensação lhe dará mais entrada de porta que as paradas policiaes que ali, durante este mez, tem substituido os espectaculos lyricos.

Essa artista, escripturada simplesmente para um numero restricto de operas, é a sr.ª Bianca Donadio uma cantora formosa e famosa que ha dois annos o publico applaudiu muito nos concertos do Colyseu de Lisboa, pseudonymo que tomou cautelosamente o circo de Price, quando, em vez de clowns e de voltigeuses, de homens de força e de cavallos intelligentes, passou a apresentar ao publico lisboeta Sarazates, Essipoffs, Donadios, e Bretons.

Portanto sabia-se já em Lisboa que a sr.ª Donadio tinha uma explendida voz, um bello metodo de canto, uma garganta privilegiada para as dificuldades rendilladas das *foritures*, mas o que se não sabia era se ella teria os recursos scenicos necessarios para ser uma boa cantora de opera, como era uma magnifica cantora de concerto.

O publico foi ver isso na primeira noite do *Barbeiro de Sevilha*, e verificou, com os seus aplausos, que a formosa artista tinha esses dotes, e que não foi sem muito bom senso artistico que o fogo a poupou no theatro de Nice.

A sr.ª Donadio cantou e representou muito bem a parte de Rosina da velha partitura de Rossini, e as variações que cantou na *licção* do 2.º acto accordaram uma d'essas estrepitosas e entusiasticas ovações a que é completamente alheia a policia civil, e que dormiam a sonno solto desde que a sr.ª Borghi-Mamo desapareceu do palco de S. Carlos.

O tenor Deliliers, que se estreou juntamente com a sr.ª Donadio, tem uma voz pequenina mas agradavel, sabe cantar muito bem, é um artista fino, que conlhece os perigos a que o expõe constantemente a sua falta de voz, e que sabe rodeal-os, habilmente, fazendo com que todos o applaudam justamente nos momentos em que todos julgavam que o iam patear.

Os outros artistas que desempenhavam a opera de Rossini foram muito mediocres.

— O theatro de D. Maria, como os da Trindade e Gymnasio, achou tambem o seu successo theatrical com a peça de Dumas filho,

A Princeza de Bagdad, essa peça que na 1.ª noite produziu no theatro Francez um *charivari*, dos taes que nunca ha lá fôra, como é costume dizer-se em Lisboa, e que tendo muitos defeitos, tem a resgatal os as qualidades possantes de dialogador de Dumas filho, qualidades perigosas que fazem parecer obras primas os maiores absurdos, e as mais aleijadas concepções artísticas.

A peça, traduzida primorosamente pelo sr. Moura Cabral, um escriptor delicadissimo que os leitores do OCCIDENTE tem já tido occasião de apreciar na nossa folha, teve um excellente desempenho pelos artistas de D. Maria, e perfectamente excepcional pela actriz Virginia que foi assombrosa de talento na grande scena final do 2.º acto.

Depois de ter dado ao theatro portuguez as mais deliciosas creações de *ingenua*, a actriz Virginia passou agora por uma transição felicissima para os *premiers rôles* e essa falta que havia no pessoal dos nossos theatros, e que se sentia tão claramente nos dramas representados n'estes ultimos annos, começou a desaparecer quando Virginia fez a sua explendida criação da duqueza de Septmons na *Estrangeira*, e desapareceu agora de todo com a maneira extraordinaria porque é desempenhado o papel de *Lionnette*, que nem mesmo nos tempos aureos antigos do theatro portuguez teria actriz que melhor o vivesse em scena.

A *Princeza de Bagdad* foi um triumpho notável para a notável actriz, e os grandes paixes do repertorio francez, que até hoje não tinham quem os fizesse em Portugal, acharam agora uma interprete brillante e gloriosa.

Em quanto Lisboa se preoccupa com os seus theatros, e trata da arte lyrica e da arte dramatica, esperando, para tratar da arte ornamental, a proxima abertura da exposição extraordinaria que se deve effectuar no mez proximo com a assistencia do rei de Espanha, o Porto inaugurou no dia 16, no Palacio de Crystal, uma exposição de historia natural, pensionada pela sociedade de Instrução do Porto, e que nos dizem ser interessantissima.

A exposição occupa duas salas ao rez-do-chão — a sala dos bilhares e a da leitura — e uma no primeiro andar, a de bellas-artes, e é rica em productos zoologicos, mineralogicos, botanicos e geologicos, distinguindo-se entre todos, os expostos pelo sr. Augusto Luso, professor do lyceu do Porto.

Os exemplares de geologia agricola, de mineralogia, de paleontologia, de botanica, de entomologia agricola, de crystallographia e de conchilologia expostos pelo collegio Pestalozzi, são tambem muito notaveis.

Na sessão da abertura, o discurso inaugural foi pronunciado pelo sr. dr. A. F. Ferreira da Silva, director da secção de sciencias naturaes da sociedade promotora da exposição.

A exposição tem sido muito concorrida.

— Em Lisboa houve tambem uma pequenina exposição especial de piscicultura, que tem feito sensação... na rua do Ouro: uma exposição publica, n'uma loja da India, de peixes formosissimos, que rivalisam, em belleza, com tudo o que temos visto de mais delicado em aves!

Nunca imaginámos que, n'este genero de peixes de aquarios de sala, podéssem haver exemplares tão bellos.

Nos leques chinezes aparecem ás vezes pintados uns peixes phantasticos, das cores mais extraordinarias, que parecem ser filhos da imaginação chineza.

Pois, os peixes que estão em exposição e em venda na rua do Ouro, excedem as imaginações chinezas. São positivamente um encanto; uns parecem de veludo, outros de rubis, outros de saphyras: fogem perfeitamente á descrição. É verdade que o seu preço foge tambem aos usos do mercado portuguez, e tem assustado muita gente. Ha casas que custam uma libra. Ora, nós, comparando esses peixes com uns passarinhas da Africa e do Brazil, que se vendem ahi a 10 e 20 mil reis, achamos baratissimos os peixes.

Entretanto, concordamos que ha pescadas, pargos, e linguados muito mais baratos.

— No tribunal da Boa Hora, houve na semana passada dois julgamentos curiosos; o julgamento de dois homens de letras querellados pelo sr. governador civil, um por causa d'un soneto — o sr. Gomes Leal, outro por causa d'uma notícia publicada no jornal o *Mandarim*, o sr. Barros Lobo.

O interrogatorio dos dois reus foi interessante.

O sr. Gomes Leal declarou que fizera o soneto na intenção de meter a ridiculo o sr. conselheiro Arrobas, mas que sempre esperava que o sr. Arrobas se lhe quizesse responder, não lhe respondesse com uma querella, mas sim com um soneto, armas eguaes.

O sr. Barros Lobo, interrogado pelo sr. juiz sobre umas reticencias que poz na sua notícia acerca do sr. governador civil, explicou que essas reticencias substituam um segredo que não tinha ouvido.

— Não ouviu?

— Não senhor.

— Mas o senhor declara na notícia que o ambiente ficou mudo de assombro. Como explica isso?

— E' que o ambiente ouviu e eu não. Tenho o ouvido mais duro que o ambiente.

O sr. juiz condenou no primeiro julgamento o sr. Gomes Leal a oito dias de Limoeiro — querem por força fazel-o Torcato Tasso: e no segundo, absolveu o sr. Barros Lobo e condenou o sr. governador civil nas custas do processo.

É curioso pois não é!

Ai! que se eu soubesse compor musica, como enriqueceria, e como enriqueceria a empreza da Trindade.

— A fatalidade obriga-nos a envergonhar-nos no fim d'esta chronica como nos envergonhamos no principio: isto é a fallar de S. Carlos.

Dopo de escripta esta chronica, cantou-se o *Roberto do Diabo*. A magnifica partitura de Meyerbeer pareceu uma massada monstruosa ao pub'lico; imaginem que tal foi o desempenho. Foi tal, que apesar da platéa estar cheia de policias os espectadores esqueceram-se do Limoeiro para só se lembrarem que tinham ouvidos e pés. E' um espectaculo perigooso este *Roberto*, e quem conciliar o amor da boa musica com o da liberdade não vá lá.

GERVASIO LOBATO.

O TERREMOTO DE LISBOA

NO 1.º DE NOVEMBRO DE 1755

Faz hoje cento e vinte e seis annos, que Portugal, e principalmente Lisboa, sofreram uma das maiores commoções e cataclismos de que a historia faz menção.

Decahida já bastante da grandeza com que no seculo XVI se ostentava como princeza dos mares, ainda os restos do imperio da Asia, as possessões da Africa e acima de tudo as colônias do Brazil, traziam ao Tejo feudos, cabedais e povoação em tal magnitude, que faziam considerar Lisboa como a terceira cidade da Europa, contando-se, como ainda hoje, Londres a primeira, Paris a segunda.

Não pretendemos historiar todas as peripécias d'aquelle dia tormentosissimo, nem ainda referir, ou sequer enumerar as perdas em edificios, preciosidades artisticas, litterarias, archeologicas, scientificas e em vidas que a nossa bella capital n'elle soffreu, mas apenas apresentar aos nossos leitores um ou dois quadros traçados por testemunhas oculares, já como pacientes d'aquelle enorme catastrophe, já como visitantes das ruinas por ella produzidas, e que são desconhecidos da maior parte dos leitores.

O primeiro é traçado por um joven inglez de apellido Chase, nascido em Lisboa, e que n'ella se achava e soffreu em tão memorável dia, e enviado poucos dias depois em carta escripta a sua mãe. Esta carta communicada aos redactores do *Quarterly Review*, foi por elles publicada em extracto; julgando-nos assaz feliz por nos terem dado conhecimento d'ella,

para a podermos traduzir e transmittir aos nossos leitores.

Eis a carta do sr. Chase:

«Quasi tres quartos depois das nove horas da manhã de sabbado, dia em que completava os meus vinte e seis annos, estava eu na mesma casa em que nasci, no meu aposento, situado no quarto andar d'ella, quando ao abrir uma papeleira, senti um abalo que reconheci imediatamente ser um terremoto, brando ao principio, mas que augmentando gradualmente de violencia, me sobresaltou por tal modo, que voltando-me para olhar pela janella, me parecia que os vidros caiam.

Surprehendido pela continuação do tremor, recordando-me imediatamente dos desgraçados acontecimentos de Callao, nas Indias Occidentaes Hespanholas, pensei que o mesmo ia succeder entao; lembrando-me ao mesmo tempo que a nossa casa era velha e fraca, que qualquer carro pesado ao passar a fazia estremecer d'alto a baixo, corri imediatamente para o eirado.

Esta divisão, como é de uso em muitas casas, consta de um simples quarto no alto da casa, com janellas à roda do tecto, sustentada por pilares de pedra. Ficava apenas um andar superior ao meu quarto, dominando o panorama da cidade desde o palacio real até o Castello.

«Eu estava ancioso por vér se as casas vizinhas eram agitadas com igual violencia. Mal tinha chegado ao cimo da escada, quando a meus olhos apareceu o mais horrendo spectaculo.

«A casa começava a balouçar de tal modo, que para evitar o cahir vi-me forçado a lançar um braço de fóra da janella para me segurar á parede. As pedras d'estas ao separar-se roçando umas pelas outras, assim como as das outras casas com variados movimentos, faziam o ruido mais espantoso que já mal os meus ouvidos tinham percebido. A parede proxima da sala do sr. Goddard cahiu primeiro, seguida imediatamente por toda a parte superior da casa, e assim todas as mais que eu avistava até o castello. Entao, voltando-me para o lado da frente do eirado, descobri toda a cidade derribada; vi ainda os topes dos dois pilares chocarem se, e não vi mais nada. Estava resolvido a atirar-me ao chão, mas supponho que não pude, porque me senti ir escorregando.

«Achei-me, quanto tempo depois não sei dizer, exactamente como se tivesse despertado de um sonho com as idéas confusas, tendo a boca entupida por alguma coisa, que procurei tirar com a mão esquerda, que me não deixava respirar livremente, mas taes esforços fiz que a minha cabeça ficou inteiramente livre das calicas. Passado isto, voltei a mim e recordando-me do que tinha acontecido, suppus que o terremoto teria acabado, e por aquillo que eu tinha tão largamente visto, julguei que a cidade estaria completamente arrasada, e eu no cimo das ruinas.

«Olhando entao á roda percebi que havia quatro paredes que se elevavam cerca de cinquenta pés acima de mim. O logar onde jazia tinha proximamente dez pés de comprido por dois de largo, não descobrindo porta nem janela em nenhuma das paredes. Extremamente admirado, lembrei-me de que havia um vão entre as casas. Não tendo visto cahir as partes mais altas dos dois predios, conclui que todos os habitantes deviam ter ficado sepultados, ou ao menos não entrevi nenhuma probabilidade de que se desembaraçassem a tempo de me poderem prestar socorro. Assim tomado de terror, pelo horroroso pensamento de estar exposto a morrer de similhante maneira, fiquei estupefacto, até que o ruido da queda das telhas e calicas me fez procurar abrigo, sob um pequeno arco na parede proxima, oposta á minha cabeça.

«Estando assim, deparou-se-me um pequeno buraco que atravessava a parede de lado a lado. Tendo-me aproximado com dificuldade, arrastando-me para fóra dos entulhos, reconheci que aquelle era muito maior do que supunha, e introduzindo primeiro a cabeça e um braço e depois pouco a pouco o corpo todo, cahi

¹ Os editores ingleses não tendo lido bem esta palavra escreveram — Urado.

para um recinto abobadado, dois pés mais baixo, que suppuse ser o sustentaculo das duas paredes. Entao, apalpando á roda, encontrei a um lado um pequeno corredor que circundando uma peça similar a um forno, me guiou a um pequeno aposento onde estava um portuguez coberto de pó. Este ao vêr-me aparecer n'aquelle estudo, recuou assustado bendendo se e exclamou, como é natural em occasião de grande surpresa: Jesus, Maria, José! quem sois vós?! Como vindes d'ahi?!

«Logo que satisfiz á sua pergunta ajudou me a assentar n'uma cadeira. Em seguida juntando as mãos, ergueu as e os olhos ao tecto, demonstrando a maior afflition e desalento. Depois d'isto examinou-me a mim proprio, o que até entao não tinha podido fazer.

«O meu braço direito cahia pesado e como morto; o hombro estava descarnado e o osso quebrado; as meias estavam despedaçadas e as pernas cobertas de feridas; o tornozelo direito, extraordinariamente inchado e um jorro de sangue esguichando d'ele; o joelho tambem muito contundido. A parte esquerda do tronco amolgada de modo que eu só podia respirar com dificuldade; a cara estava inchada, esfolada e escorrendo em sangue, com uma grande ferida por cima e outra por baixo do olho; muitas contusões cobriam o nariz e a cabeça.

«Mal tinha tido tempo de reparar no lastimoso estado em que me achava, quando sobrevio um abalo mais ameaçador que o primeiro. O pobre homem deitou a correr pela porta fóra. A violencia do tremor, junto ao cahir das casas e clamores do povo, moveiram-me a procurar de novo abrigo na abobada, sob que eu tinha estado, esperando a todo momento que ella abatesse; mas voltando d'ali pouco depois e não aparecendo ninguem, sai pela mesma porta, por onde vira sair o homem, na esperança de o encontrar outra vez, ou alguma outra pessoa. Agora em vez de um quarto, como eu esperava dei n'um vão de escada, com um pequeno lance para um lado, e descendendo por outro lance, encontrei-me, com a maior surpresa, na rua, não tendo suspeitado achar-me tão perto d'ella.

«O povo estava todo em orações coberto de pó, e a claridade que se via era a de um dia escurissimo.

«Animado pela doce illusão de que as pernas tivessem vigor sufficiente para me levarem até á praia voltei-me e vi uma rua inferior. Era esta muito estreita, entulhada com as ruinas das casas cahidas, que se elevavam á altura das que haviam ficado em pé. Esperando poder alcançar os campos, avancei alguns passos pela ladeira, encontrando o mesmo spectaculo por toda a parte, e n'uma rua á direita não vi outra coisa.

«Não sabendo que fazer e faltando-me as forças, cahi prostrado, justamente n'um sitio onde desembocavam tres ruas.

— Em occasião de tanto risco, quando todos olhavam só o seu perigo e procuravam salvar-se, o sr. Chase deu a sua salvação a um vizinho, João Ernesto Forg, negoziante de Hamburgo, pelo qual foi d'alli removido depois de algum tempo para uma casa que tinha resistido ao terremoto, e deitado n'uma cama, sendo-lhe as feridas pençadas por um cirurgião. Havia porem pouco tempo que estava deitado quando outro tremor, atendo coberto a cama de calça e pó, me fez cobrir os olhos com o braço esquerdo, esperando em breve ser aliviado de novas misérias.

«Em seguida chegaram novas de que a cidade estava a arder por varias partes.

«Toda a tarde me occupei fazendo as mais melancolicas reflexões, enquanto as chamas se desenvolviam com inexprimivel rapidez ao alcance da minha vista, até perto das cinco horas em que pareceram approximar-se do quarto onde eu jazia.

— Uma angustia se apoderou entao d'ella, supondo que tinha sido deixado só na casa, e que os seus amigos o haviam abandonado; porem tendo com grande dificuldade, para o seu estado de fraqueza, conseguido abrir a porta, encontrou-os silenciosos, assentados á roda da sala exterior.

«Eu roguei ao sr. Forg, com as lagrimas nos olhos, como um grande favor, que antes de se ver obrigado a deixar a sua casa, me atirasse pela varanda fóra, ou por qualquer outro modo acabasse comigo, mas não me deixasse em tão violenta agonía, pois recebia em pouco tempo acabar por uma morte mais afflictiva.

«Pedi-me ele que não lhe fallasse d'aquelle maneira, assegurando-me com toda a amabilidade, que nunca tivera a ideia de me abandonar, e que se não houvesse outro auxilio, elle mesmo me levaria ás costas, e ambos corriam o risco juntamente; que ainda não estávamos cercados pelo fogo e havia ainda passagem livre.

— Por favor de tão amavel guia, foi conduzido por entre casas cahidas, durante abalos que se repetiam constantemente, passando ruas, parte entulhadas pelas ruinas, parte presa das chamas, até a larga praça em frente do palacio, onde grande numero de fugitivos se haviam já refugiado, com alfaias e outros objectos que tinham podido salvar em trouxas.

«Achei-me pois, bem longe do que eu esperava, repentinamente desopprimido da constante apprehensão da queda das casas e perigo do fogo, como tinha imaginado quando estava no maior desespero, e havia perdido todas as esperanças de algum socorro, animandomo a tal ponto, que, entao, pela primeira vez, apesar do grande sofrimento em que estava, comecei a esperar que era possivel ainda viver, até que novos reccios ocuparam os meus pensamentos.

«Porque o povo possuia da idea de que era o dia de juizo, e querendo-se antes empregar em obras pias, tinha-se sobrecarregado de crucifixos e santos, e tanto os homeus como as mulheres, durante os intervallos dos tremores entoavam ladinhas, ou atormentavam cruelmente os moribundos com ceremonias religiosas, e cada vez que a terra tremeria, todos de joelhos bradavam: — *misericordia* — com a voz mais angustiosa que imaginar se pode.

«O receio de que o meu estado podesse excitar a sua piedade em tal occasião, quando a desordem era completa, e era impossivel prever que socorro poderia receber um hereje, fazia-me temer a approximação de qualquer pessoa. Accrescente-se a isto que o Caes da Pedra, contiguo a esta praça, tinha-se já afundado, e o menor movimento da agua podia submergir-nos.

— O sr. Chase foi casualmente transportado para um bote, e d'esta maneira se salvou da arruinada cidade. Elle remata a simples relação de estes successos, expressando a sua gratidão para com Forg «com quem eu tinha apenas ligeiras relações, mas que, similarmente a um anjo da guarda, apareceu prompto a acudir-me na ultima extremitade.»

Passado algum tempo soube que nenhuma parte da nossa casa havia caido, á excepção do eirado, onde eu estava, que ninguem da familia tinha percebido e apenas a governanta e um criado tinham sido maltratados pelo eirado, que sobre elles cahiu, quando fugiam de casa.

«O tecto do andar superior ficara com tudo tão damnificado que elles tinham receio de entrar em qualquer das casas. É opiniao geral que todo o prejuiso procedeu de terem sido acompanhados os tres primeiros abalos do terremoto por uma especie de movimento giratorio, similar ao das vagas do mar, sendo para admirar como as casas resistiram a elle por tanto tempo. Não podia haver occasião e circumstancias mais desgraçadas para este infeliz povo. A cidade era cortada de ruas estreitas, e as casas, de construcção muito forte e assás elevadas, entulhavam todas as passagens quando caiam.»

Drama tão agitado como este por que passou Chase, por quantos milhares de pessoas seria experimentado com mais ou menos peripécias, com mais ou menos terror ou conformidade? e quantos, depois de sofrerem transeos similhantes, não morreriam de fome no seio das ruinas, apesar das providencias energicas tomadas pelo conde de Oeiras, depois marquez de Pombal?

(Continua)

BRITO REBELLO.



CONSELHEIRO MANUEL BUARQUE DE MACEDO
MINISTRO DE ESTADO DO BRAZIL — Falecido em 29 de Agosto de 1881
(Segundo uma photographia de Alberto Henschel & C.º)



GENERAL JOSÉ MARIA DE PINA — Falecido em 24 de Setembro de 1881
(Segundo uma photographia de A. S. Sousa)

AS NOSSAS GRAVURAS

CAMINHO DE FERRO DIRECTO DE MADRID Á FRONTERIA DE PORTUGAL

Inauguração da Secção
de Cáceres a Valencia d'Alcantara

Por occasião da inauguração do caminho de ferro de Ciudad Real a Badajoz, proximo á fronteira portugueza, havia el-rei o sr. D. Luiz convidado o rei de Espanha a uma entrevista proximo de Elvas, em sitio, onde tantas outras se tem realizado entre os soberanos dos dois Estados, a qual com efeito se verificou a 5 de fevereiro de 1879 (vej. o n.º 29 do nosso 2.º vol.); agora que Affonso XII vinha de novo proximo da fronteira portugueza, inaugurar a secção do caminho de ferro de Cáceres a Valencia d'Alcantara, que encurta a distancia entre Madrid e Lisboa, julgou do seu dever cavalleiresco convidar o rei de Portugal a avistar-se com elle em Espanha, retribuindo assim aquelle primeiro convite.

Foi a 8 de outubro proximo findo que o encontro se verificou em Valencia, onde se trocaram os cumprimentos, as saudações, os regosijos que haviam animado as primeiras vistas, com a diferença infelizmente notável, de que as primeiras tendo estado o

tempo mau se realizaram sob uma atmosfera tepida e risonha, que permitiu a ostentação das galas e manifestações populares, e que as segundas tendo até ali estando o tempo bom, se realizaram sob um céu carregado e chuvoso, que, se não impediu de todo os regosijos e festejos públicos, os contrariou em parte, fazendo diminuir a graça e prazer d'aquella amigavel aproximação.

Depois do encontro, verificou-se a inauguração d'aquella linha, dando depois Affonso XII um brilhante lanche a D. Luiz I, onde se trocaram os brindes mais sympathicos e effectuosos para os dois soberanos e para os dois países.

AFRICA PORTUGUEZA



MOÇAMBIQUE — LARGO DA ALFANDEGA E PONTE (Segundo uma photographia)

Um dos extremos da secção da linha ferrea é Cáceres, cidade da Extremadura Espanhola, e que a nossa estampa representa. Esta cidade até aqui solitaria e nada ruidosa, no meio da sua província, acha-se situada num pequeno planalto, sobre uma quebra da cordilheira que borda a margem esquerda do Tejo. Distinguem-se n'ella duas partes, a antiga sobre o cabeço, e a moderna na parte mais baixa do recôsto do monte, apresentando à vista um gracioso e ridente panorama.

Segundo alguns historiadores deve a sua fundação a Cecilio Metello, e segundo outros aos cartagineses; em todo o caso era conhecida antigamente pelo nome de *Castro Cecilia*, e teve larga importância durante a dominação romana e em toda a história da Lusitânia até à entrada dos suevos.

Conserva muitos restos da sua grandeza taes como uma estatua de Ceres, algumas lapides votivas e commemorativas, uma Diana no palacio dos antigos Condes de Torre Mayorazgo; varias columnas, mosaicos, restos de antigas muralhas, varias inscrições, etc.

Dos tempos cristãos apresenta monumentos importantissimos, como: a igreja de Santa Maria, construção magnifica do século XV; a de S. Matheus, de antiguidade incerta, mas reedificada por 1500, com toda a beleza, graciosidade e elegância da arquitetura d'aquelle esplêndido período; a de S. Thiago, berço da Ordem da cavalaria d'esta



LISBOA — CEMITÉRIO OCIDENTAL. [Apontamentos do natural por Casanova.]

designação; a de S. João Baptista, fundada no século XIV e mais tarde restaurada, e outras.

Caceres pois sozegada e tranquila, e conservando com a maior pureza e permanência, os usos, costumes, tradições e viver dos povos estremenhos, vai acordar para a vida moderna, agitar-se, mover-se, alegrar-se e remoçar ao som do apito da locomotiva, e ao acompanhar, com a vista deslumbrada, a sua vertiginosa carreira.

Com este caminho de ferro a distância entre Madrid e Lisboa encurta-se com relação à linha por Badajoz: tanto melhor, para nós, diz o viajante e comerciante; tanto por para nós, diria o falecido marquês de Sá da Bandeira, se por infelicidade tivermos algum desaguado com os nossos vizinhos.

Caceres tem para nós uma recordação triste; foi por ali que regressou a Espanha Filipe II em 1583, depois de ter invadido e sujeitado arteira e tyrannicamente, o prostrado Portugal de então, ao seu domínio pesado, havendo permanecido cerca de dois anos no nosso reino.

Esperamos que o futuro nos não trará tão negras páginas.

O CONSELHEIRO MANUEL BUARQUE DE MACEDO

Quando o director do OCCIDENTE me pedia que lhe enviasse do Brasil alguma notícia de homens ou de coisas, eu nem de longe pensava que, apenas chegado a esta terra, teria de curvar-me sobre um tumulo de lá pouco fechado, para recolher levemente os traços do grande vulto que se encobriu ali. É um brasileiro ilustre, homem de ciência e político liberal a quem a morte veio surpreender repentinamente, em 29 d'agosto d'este ano, no momento em que, na qualidade de ministro d'agricultura, comércio e obras públicas, assistia à inauguração de uma linha ferrea na cidade de S. João d'El-Rei.

Tendo nascido no 1.^o de março de 1837, bastaram a Manuel Buarque de Macedo quarenta e quatro anos de passagem pela terra, para alcançar-lhe um nome que não poderá consumir-se no caixão em que lhe encerraram o cadáver. Matriculado na Escola Central do Rio de Janeiro, receberam em 1856 o grau de bacharel em matemática, tendo já obtido por concurso, quando estudante, o lugar de repetidor d'aquela ciéncia no colégio Pedro II. Concluída a formatura seguiu para Bruxelas, onde completou com distinção o curso de ciências políticas e sociais, doutorando-se em 1859.

Buarque de Macedo era natural de Pernambuco. Esta província conhecendo quanto elle a amava, acaba de fazer-lhe as exequias solemníssimas que os povos costumam reservar aquelles que, como elle, enalteceram o seu nome na longa prática das virtudes cívicas. Não só, porém, em Pernambuco, se projectou a sombra do cyreste que assinala a sepultura do desditeso homem de Estado; por todas as províncias, por todos os povoados, está pésando aquella perda nacional, e de todas as partes correm lagrimas, que cristalizadas, bastariam a formar-lhe um monumento.

Esta é a glória que não podem os reis conceder, nem o favoritismo retrair. Das honras que o mundo dá, posso dizer Buarque de Macedo as seguintes: As Comendas da Rosa do Brasil, da Legião d'Honra da França, da Congregação de Portugal, de S. Maurício e de S. Lazar da Itália. Era conselheiro d'Estado, ministro d'agricultura, comércio e obras públicas, antigo deputado do Império, e anteriormente representante na assembleia legislativa provincial de Pernambuco, membro titular do Instituto de Engenheiros Civis de Londres, socio benemerito da Associação Commercial Beneficente de Pernambuco, do Gabinete Português de Leitura, etc., etc.

Em 28 de março de 1889, pela queda do ministerio Seminário, e ascenso do gabinete Saravia, o conselheiro Buarque de Macedo, pela sua extremada cultura e inconsciente probidade, foi convidado a assumir a direcção dos negócios d'agricultura, comércio e obras públicas, conseguindo desde logo a alcançar pelo muito engenho, só criterio e vasta proficiencia, a maior gloria reservada a um homem de Estado: o respeito e a consagração dos próprios adversários. E assim morreu. Feliz quem pode reposer na morte sem que venham os zangões perturbar-lhe o sono.

Recite, 1881.

S. R.

O GENERAL JOSE MARIA DE PINA

No mez de setembro ultimo, perdemos não poucos militares distintos. Assim no nosso numero do 1.^o de outubro, demos notícia dos serviços do general da divisão visconde de Bastos, e hoje vamos ocupar-nos de outro general da divisão, que ainda foi dos valentes que arriscou a sua vida na defesa das nossas instituições liberais, e que prestou valiosíssimos serviços ao nosso paiz.

José Maria de Pina, filho de José Justino de Pina, secretário da inspecção geral de artilharia, e de D. Mariana Rosa Barreiros de Pina, nasceu em Elvas, aos 29 de dezembro de 1808.

Assentou praça voluntariamente no regimento de artilharia n.^o 1, no dia 6 de novembro de 1825, e frequentando o primeiro anno da Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho, em 1826 a 1827, foi mandado recolher ao corpo, pela necessidade que havia de gente para o serviço, em consequência das occorrências políticas promovidas pelo marquês de Chaves.

Achando-se no 3.^o anno da mesma Academia, ultimo do curso de artilharia, deram-lhe baixa do serviço em 5 de novembro de 1829, por não convir ao serviço do usurpador, isto é, por ser constitucional. Ainda assim, com bastante dificuldade conseguiu fazer exame das matérias d'aquelle anno lectivo, ficando habilitado com o curso de artilharia, em julho de 1830.

No principio do anno de 1832, tendo Sun Magestade Imperial o Duque de Bragança, então na ilha Terceira, exigido que o capitão de infantaria Francisco Xavier An-

tonio Ferreira, um dos agentes em Lisboa do governo da Rainha, lhe desse esclarecimentos sobre o pessoal e material de artilharia que guardava as fortalezas marítimas de Portugal, etc.; dirigiu-se aquele agente ao secretário da inspecção geral da artilharia (pme de José Maria de Pina) incumbindo-o de satisfazer aquella exigencia. Tendo fornecido os necessários esclarecimentos a seu filho, fez este com risco da sua vida, mappas mui circumstanciados de todas as fortificações, desde a foz do Guadiana até á foz do Minho, numero de bocas de fogo de cada uma, seus calibres, projectéis, munições de guerra, quae aquellas fortificações que tinham fornidos para balas vermelhas e quantas cada uma, suas guarnições, brigadas de artilharia montada, que havia no exercito do usurpador, quantas bocas de fogo tinha cada uma, seus calibres, guarnições e nomes dos comandantes; e tem assim a força dos corpos de artilharia.

Estes esclarecimentos, de tanta vantagem para Sua Magestade Imperial o Duque de Bragança, por lhe dar a conhecer onde melhor podia dirigir o desembarque do exercito libertador, o que effectuou a 8 de julho, nas praias do Mindelo, valeram para a família Pina a perseguição do governo do usurpador; pois que a 16 de junho do mesmo anno teve aquella família a casa cercada de polícia armada, foi o seu chefe, José Justino de Pina, preso para o Castello de S. Jorge, onde esteve até 24 de julho de 1833, não o sendo seu filho José Maria de Pina, como queriam, porque conseguiu esconder-se, e assim se conservou até poder embarcar num paquete ingles, afim de se reunir ao exercito constitucional no Porto, o que se realizou a 8 de dezembro de 1832, sendo porém despachado 2.^o tenente apenas, em 25 de fevereiro de 1833.

Na breve resenha, que vamos fazer, ver-se-ha como este oficial era considerado na sua arma, e como foi sempre escolhido para as comissões difíceis e espinhosas.

Assim, nos dias 9 e 10 d'abril de 1833, quando se ocupou e sustentou a posição do Monte Covelo, achava-se comandando o Reducto das Nedalhas, cuja bateria foi a que teve parte mais activa e importante no fogo que se fez durante aquelles dois dias: por este motivo foi louvado no Boletim oficial do dia 11.

Em junho de 1833, foi o unico salsalero de artilharia que fez parte da expedição ao Algarve, e comandando a artilharia de montanha até Garvão, e depois a montada, que veio de Faro ali reunir-se-lhe, assistiu á batalha da Cova da Piedade e Cacilhas, entrando em Lisboa no dia 24 de julho, na divisão comandada pelo Duque da Terceira. Dois dias depois voou para Cacilhas com duas peças de artilharia e o batalhão de Caçadores n.^o 2, afim de fazer frente á força do general Mollelos.

No dia 18 de fevereiro de 1834, assistiu á batalha da ponte de Santa Maria d'Almôr, comandando uma boca de fogo de campanha, com tal denodo e valentia, que lhe valeu o grau de cavalleiro da Torre e Espada.

No dia 4 de novembro de 1836, querendo a bateria a cavalo do 2.^o regimento de artilharia, a que pertencia o tenente Pina, fugir para Lisboa, foi elle mandado tomar o seu comando, e mais tarde tomou o commando do regimento, por se terem retirado para suas casas, ou fugido para Lisboa, todos os oficiais do corpo, que eram mais antigos.

No dia 28 de agosto de 1837, assistiu, sob o comando dos marchaços Duque da Terceira e Marquês de Saldanha, à negociação do chão da Feira, onde esteve na linha de atiradores, e onde ganhou o 2.^o grau da Ordem da Torre e Espada.

Depois da convenção de Chaves, acompanhou o general Barão de Setúbal, para Espanha, onde se conservou até maio de 1838, quando se dissolveram os depósitos de emigrados.

Em 1844, sendo capitão do 3.^o regimento de artilharia, foi escolhido para marchar com uma força a fim de pôr cerco á praça d'Almôr, e conseguiu desmontar a única peça que havia n'esta praça, concorrendo assim eficazmente para a capitulação, que se efectuou pouco depois.

Em outubro de 1846, quando se organizou o commando em chefe do exercito, foi nomeado adjunto á repartição do adjunto general, e marchando no dia 5 de novembro, para operações, com as forças commandadas pelo Duque de Saldanha, assistiu á acção de Torres Vedras, no dia 22 de dezembro.

Durante os acontecimentos políticos de 1851, exerceu as funções de chefe de estado maior da 1.^o divisão militar.

Em junho de 1855 foi encarregado do commando das baterias apparelhadas dos tres regimentos reunidos em Belém; voltando mais tarde para o seu lugar de chefe de repartição, no commando em chefe do exercito, logar que exerceu com tanta distinção que lhe mereceu a Comenda d'Aviz.

Em agosto de 1854 passou a commandar o novo regimento de artilharia 4, que organizou, instruiu e disciplinou, até que pela nova organisação, no 1.^o de janeiro de 1859, passou aquelle regimento "ter o n.^o 3, extinguindo-se o d'este numero, o que prova o conceito em que era tido o regimento n.^o 4.

Finalmente, achando-se chefe de uma repartição na direcção geral d'artilharia, desgostoso por se ver prejudicado no seu acesso a general, em consequencia das reduções do quadro do generalato, e da lei que determinou o generalato por armas, reformou-se no 1.^o de setembro de 1871, em general de brigada; conseguindo mais tarde a melhoria de reforçar-se em general de divisão.

Foi então estabelecer a residencia em Coimbra a fim de seguir de perto a educação do seu filho unico, e ali perdeu a companheira de mais de vinte annos, em 1876, e ali faleceu a 24 de setembro ultimo.

Teve pois o general Pina uma carreira militar de 46 annos de serviço activo, sendo encarregado sempre de comissões importantes, que lhe mereceram repetidos elogios, e sendo sempre de uma rigidez de princípios e de uma exactidão no cumprimento dos seus deveres, que o fizeram apontar no exercito como um militar valente, que podia servir de modelo.

CEMITERIO OCCIDENTAL DE LISBOA

Este cemiterio acha-se estabelecido no sitio onde campeava a antiga ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, e que já em 1599, por occasião da peste, e talvez em outras épocas similares, havia servido para o mesmo fim. Em 1833, quando o cholera-morbus dizimava os habitantes da capital, foram creados, pelo governo liberal, dois cemiterios: um na frente d'aquella ermida, e outro junto ao alto do Varejão. Foi então organizada a Comissão de Saúde Pública, renovando-se as providencias que a tal respeito tomara o governo de 1820, e haviam ficado suspensas pela restauração do governo absoluto.

Mais tarde quando pelo decreto de 21 de setembro de 1835, foram proibidos os enterramentos nas igrejas do reino, e criados os cemiterios parochiais ou municipais, passaram os dois cemiterios para a posse e administração da Câmara Municipal de Lisboa.

Está o cemiterio em sítio sobranceiro, airoso, donde se descobrem panoramas graciosos, dominando um vale extenso e avistando-se o Tejo, durante longo espaço. A Senhora dos Prazeres é objecto de uma romaria anual muito concorrida, nomeadamente pelos fabricantes de seda, devoção que lhes ficaria porventura do primeiro establecimento da fábrica na Fonte Santa, ali proxima, em tempo de D. João V.

A área do cemiterio, limitada a princípio, tem-se ido acrescentando lentamente, por aquisições sucessivas, tendo hoje já bastante vastidão.

Dá entrada a este campo mortuário um portico, imitando o estyo egípcio, e penetra-se por uma larga rua bordada de ciprestes, ladeada de tumulos maiores ou menores de diferentes estylos arquitectónicos até à capela, que, apesar de ser ainda de construção recente, acha-se arruinada e em via de reparação.

O numero das sepulturas privativas compradas até ao fim de 1880 é de duas mil setecentas noventa e uma; algumas apenas cobertas de uma campa ou lousa rasa, outras levantadas em sarcófagos mais ou menos grandiosos, já em forma de capela, já em simples colunas ou obeliscos, já em conjuntos simbólicos e outras formas variadas. A nossa estampa mostra a direita o tumulo do Conde das Antas, o valente Xavier, comandante de caçadores n.^o 5 durante a campanha liberal, formado de uma robusta base prismática e singelamente ornamentada, sobremontada por tres plintos em degraus, sobre os quais se levanta a estatua do bravo general. Este tumulo foi erguido mediante uma subscrição pública.

No fundo e a meio da gravura ergue-se a capella tumular da familia dos duques de Palmella, formada em uma vasta piramide, a que serve de remate a estatua da religião, obra do talentoso e malogrado professor de escultura Francisco de Paula Cerqueira. Esta capella levanta-se sobre a vasta crypta ou carneiro, onde podem guardar-se grande numero de cadáveres.

Algumas specimenes de outros jazigos enchem os restantes espaços.

Por em quanto não se pôde saber com exactidão a quantidade de enterramentos feitos nos cemiterios da cidade anteriormente a 1849, com quanto se tenham publicado algumas estatísticas, que, n'essa parte, não podem ter valor algum; esperamos porém, que dentro de algum tempo, se possa chegar a esse conhecimento, quando houver terminado os trabalhos a que, sobre este assumpto, tem produzido com summa diligencia e digne archivista da câmara municipal de Lisboa o sr. Eduardo Pedro de Oliveira, a quem agradecemos os esclarecimentos que por esta e outras ocasiões se tem dignado facultar-nos.

Não deixaremos porém de referir que durante o anno de 1849, primeiro de que ha estatística exacta, o numero de cadáveres -epóltos n'aquelle cemiterio foi de 3:304 sendo no anno passado, 1880, de 2:815. Deve-se porém advertir que d'esse 1852, data da criação do concelho de Belém, deixaram de ser sepultados n'aquelle cemiterio os habitantes do novo concelho, e para as estatísticas da mortalidade em Lisboa não deve esquecer de incluir até aquella data os enterramentos feitos no cemiterio de Ajuda, instituído por D. Maria I, para os moradores da casa real, mas que depois se tornou público.

Por ultimo apenas diremos que o numero das inhumações no cemiterio oriental ou do alto de S. João é sempre muito mais considerável, que o das que se verificam no Occidental ou dos Prazeres; o que tem facil explicação, por i-so que se acham situados no distrito d'aquelle a casa da Misericordia e os hospitais de S. José, S. Lazar, Desterro, D. Estephânia e da Marinha, e são ainda ali sepultados parte dos falecidos do concelho dos Olivais.

EGREJA MATRIZ DE OLIVEIRA DE AZEMEIS

Já a pag. 118 do presente volume, tivemos occasião de falar da villa de Oliveira de Azemeis, uma das mais ricas e importantes do distrito administrativo de Aveiro, quando reproduzimos em gravura o edifício dos Paços do Conselho d'essa villa: hoje damos o frontispicio da sua igreja matriz.

Como se sabe, Oliveira de Azemeis, com quanto povoação antiga, é villa muito moderna, o que é devido ao seu importante desenvolvimento, sendo hoje uma povoação rica. Já desde 1703, sollicitavam os seus moradores, de D. Pedro II, o foral de villa, que não conseguiram, por causa da oposição da villa de Feira, a cuja jurisdição pertencia.

A sua posição n'un pequeno plano elevado, que declina sobre dois rios, o Ul ao poente e o de Vilar ao norte, o seu assento n'un ponto importante da estrada de Coimbra ao Porto, comunicando por outras estradas laterais com o vale de Ambra, Arouca, Feira, Ovar, etc., junto á importantíssima praça, que é quasi uma feira diária, dá-lhe toda a facilidade para progresso, do que os seus habitantes se não descuidam.

Quasi a meio da povoação e sítio mais elevado d'ella, onde chamam o Padrão, ergue-se a igreja parochial sob a invocação de S. Miguel.

E ponto controverso se alli foi sempre a egreja matriz; ha, porem, proximo da villa uma aldeia de S. Miguel, onde alguns autores suppõem ter existido o primitivo templo.

Seja como for, o certo é que a actual egreja data apenas de 1719, anno em que, por se achar em muito mau estado a antiga, se começo a construção da nova, a qual terminou em 1726, o que nos é assegurado por uma noticia do doutor Manuel de Oliveira Ferreira, reitor d'aquelle freguezia pelos segundo e terceiro quartel do seculo passado e corroborado pelos livros das Visitas, de que o sr. commandador Leite Rebello, alguns annos presidente da Camara da mesma villa, transcreveu extractos nos *Anuários do Município*.

A fachada do edificio é de architectura pouco notável, sem caracter algum de grandeza e elegância, o que é commun a quasi todas as nossas egrejas do seculo XVIII em diante. Sobre a porta ha uma escultura regular, representando S. Miguel em acção de cravar com a lança o inimigo das almas, prostrado e calcado uns seus pés.

Duas torres ladeam esta fachada, mais por ornato que por necessidade, pois só uma d'ellas tem sinos; não podemos dizer se dos tres que alli existem, são ainda dois os que em 1744 foram benzidos pelo referido reitor.

Entrando-se o templo é este de regular grandeza, de uma só nave e alumada por dezoito janellas. A capellam tem a sua tribuna de talha dourada, ladeada de varias imagens, taes como o orago S. Miguel com o dragão a seus pés, S. Pedro, etc. Ha mais varios altares lateraes e no corpo da egreja.

Esta fica cercada por um adro espacoso, e pela parte posterior a pequena distancia, demora o cemiterio da villa, de construcção moderna, mas muito regular e bem arborizado.

Sobe se da rua para o adro por uma escadaria de tres patins, na qual se levanta uma cruz, em cuja base se lê uma inscrição, d'onde consta ter sido mandada alli colocar pelo bacharel Pedro Soares dos Reis, em 1707; não esquecendo que as cruzes da *Vila Nova* foram mandadas levantar pelo veneravel Fr. António das Chagas.

Em torno do adro havia varias arvores, e antigamente (e não sabemos se ainda hoje) duas velhas oliveiras, simbolo da freguezia.

Ao lado esquerdo da egreja, vê-se a casa da residencia parochial, com accommodações sufficientes. N'esta viveu e se tornou notável o reitor acima mencionado, por ter ajuntado na sala principal d'ella uma selecta e copiosa libraria, muito considerada pelos entendedores, onde havia só de obras consideradas raras mais de tres mil volumes, a qual em 1758 era por elle avaliada em mais de 6000 cruzados, e quando se recolheu á clausura, deixando a reitoria, valia, segundo diz Agostinho Rebello, na *Descripción do Porto*, d'onde o padre era natural, 20000 cruzados, o que será talvez exagerado. A libraria deve estar incorporada na da Academia Real das Ciencias de Lisboa, porque á sua Ordem a legou o reitor ressignatario, quando faleceu no convento de Nossa Senhora de Jesus, onde se recolhera.

A freguezia foi abadia até 1520, em que foi reduzida a reitoria e commanda da ordem de Christo, por bulla de Leão X.

O parochio era reitor por concurso, excepto quatro mezes de reserva que tinha a abbadessa do convento da Ave Maria do Porto; subia a sua congrua a 200\$000 reis, áfora 700\$000 que produziam os dízimos.

O parochio apresentava dois curas amovíveis: um na matriz, e outro na freguezia annexa de S. Tiago de Riba d'Ul, hoje independente.

Por occasião do terremoto do 1º de novembro de 1755, apena a egreja abriu algumas pequenas fendas, e cahiram os remates de algumas pyramides.

Pelos annos de 1864, procedeu-se na egreja e residencia parochial, por ordem do governo, a grandes reparos, de que muito estava carecida, obtidos os necessarios incios pelas instancias do digno par do reino, o sr. José da Costa Sousa Pinto Basto, natural da villa.

Reformou-se uma das torres; lageou-se a capella-mór de xadrez, asobradou-se o corpo da egreja, estucaram-se as paredes e tectos, concertou-se o telhado, fez-se uma grade de balaustrada para o arco cruzeiro foi reformado o coro, dourada a tribuna do altar-mór e seus accessórios, e fizera-se outros concertos, sendo injusto e inexacto o commandador Leite Rebello, quando nos referidos *Anuários* diz: «e a mais chegaria aquella avultada quantia... se melhor administrada fosse», porque se fizeram mais obras do que as pedidas e orçadas, e se empregaram n'aqueles reparos toda a diligencia e cuidado, especialmente na torre, que muitos julgavam cahiria.

Devenos o desenho da fachada e alguns apontamentos á esclarecida solicitude do sr. Silva Praça, d'aquelle Villa, a que já nos referimos no artigo acima citado.

LARGO DA ALFANDEGA E PONTE DE MOÇAMBIQUE

A casa da alfandega de Mogambique, que está situada perto do palacio do governo, e sobre o porto, fazendo frente para os largos da Alfandega e de S. Paulo, foi em 1720 mandada edificar por el-rei D. João V, durante o governo de D. Francisco de Alarcão Sotomayor. Em 1753, governando já Francisco de Melo e Castro, foi ella reedificada, mandando-se igualmente construir um caes com seu alpendre e guindaste. No fim do seculo passado foi ainda a alfandega reconstruida, da forma porque hoje a vemos exteriormente, e como se deprehende da seguinte inscrição, que está sobre a porta que olha a norte:

REINANDO A AUGUSTA RAINHA D. MARIA I FOI EDIFICADA ESTA ALFANDEGA NO MESMO LUGAR DA ANTIGA SENDO GOV.º E CAP.º GENERAL D'ESTE ESTADO ANTONIO MANOEL DE MELLO E CASTRO QUE A CONSUMOU NO ANNO DE 1791.

Esta reedificação custou 60.000 cruzados, merecendo então esta repartição, depois de concluída, que o excel-

lente governador Melo e Castro a dotasse com novos regulamentos e pautas, subindo já em 1789 a 149 contos de réis o seu rendimento.

A alfandega consta de um vasto quadrilatero de fortissima alvenaria, de um só andar, ao rez do chão, e de apparencia nobre, posto que simples. Tem espacosos armazens, com muito pé direito, mas que já ás vezes são acanhados para o avultado movimento commercial que os abarrotá.

De 1877 a 79, exceptou a direccão das obras publicas no edificio da alfandega importantes accrescentamentos, conquistando-se ao espaço invadido pelas marés, o necessário para a construcção de dois grandes barracões para armazemagem; construiu-se igualmente em frente d'elles uma rampa caes para o desembarque das mercadorias. Esta nova disposição, que facilita consideravelmente o serviço fiscal em geral, e a nova instalção que se deu ás repartições, cu-taram perto de 25 contos.

A ponte caes que sae do largo, em frente do palacio, ou entre este e a alfandega, consta de duas partes: uma, macissa, de alvenaria pesadissima, garnecida de assentos, e apenas com um arco pela sua parte inferior, e construída logo no começo d'este seculo, já sobre as ruinas de outro caes, no tempo do governo de Izidro d'Almeida de Sousa e Sá; outra mais leve, constando de um taboleiro de madeira de mucrusse, assente sobre 11 pégões colosses de alvenaria, dispostos equidistantemente n'uma extensão de muitos metros.

Nos dois extremos semicirculares de cada pégão, ha assentos de alvenaria, que são todas as tardes concorridissimos pelos habitantes, em busca da frescura da viração ao pôr do sol. N'essas deliciosissimas tardes tropicaes, que só não pode apreciar quem nunca as gesou, encontram-se na ponte, passeando e conversando, desde o governador geral da província até ao mais modesto alferes, e alli se formam grupos onde a conversação scintilla por vezes, animadissima.

Liga-se a ponte ao largo do palacio por meio de uma meia laranja semicircular, de pedra, ampla bastante, e igualmente com assentos. Nos angulos de concordancia d'estas curvas com os lados da ponte, e com as faces da praça, levantam-se quatro altos pilares ornamentados e sobrepujados por espheras. Nos dois mais avançados, veem-se as armas portuguezas, do lado do Norte, e as de Moçambique do lado oposto, representadas por duas das setas de S. Sebastião, cruzadas em aspa. E' tambem n'um desses pilares que se lê o nome do capitão general Izidro d'Almeida de Sousa e Sá, e a data de 1801.

No fim da ponte a um e outro lado, ha as escadas que servem de caes para atracarem as embarcações, e na testa d'elle, assente sobre um ultimo pégão, está um guindaste de ferro.

Entre os dois ultimos pégões construiu-se uma comoda casa de banhos do mar, encerrando o espaço aberto com uma gradaria de madeira. Alli encontram os banhistas tres pequenos quartos para se despir e vestirem, e em baixo um amplo espaço, aberto e commun a todos, onde se banham. Desce-se do pavimento da ponte para esta casa, por uma escotilha ou alcâpão, que ha a um lado do taboleiro da ponte.

A ponte de Moçambique não serve de muito presente mente, pois que não é accessivel em todas as occasões de maré, por espraiar esta muito além do ultimo pégão, nas conjuncções de las.

Accrescenta com mais alguns pégões de construcção mais ligeira, levando-a até ao peiran, e tornando-a sempre accessivel, para preparar as consas no sentido de facilitar, quanto possível, as communicações da ilha com o continente, foi o que a direccão ultima de obras publicas projectou, mas não conseguiu realizar por falta de tempo e de meios. Feito isso, e concluída do outro lado a já começada e extensa ponte caes do Murangui, que entesta com a nova estrada do Mussuril e da Ampapa, que conta já 11 kilómetros, e que deve ser prolongada até ao populoso sertão da Macuana, ter-se-ha dado um grande passo no sentido de promover o desenvolvimento do commercio e da agricultura d'aquelles feracissimos e ainda fechados paizes.

AUGUSTO DE CASTILHO.

PROGRESSO DA TELEGRAPHIA

O primeiro telegrapho electrico foi construído em 1844; fazia comunicar Washington com Baltimore e tinha um comprimento total de 64 kilómetros.

Ora, de 1844 até hoje, isto é durante um periodo de trinta e sete annos, tomou a telegraphia um desenvolvimento prodigioso. Com efeito, actualmente estima-se a extensão dos fios telegraphicos em exercicio num bilhão e novecentos milhões de metros, ou 475.000 leguas metricas. Ligados, pois, uns aos outros, formando um todo, estes fios abraçariam quarenta e seis vezes a circumferencia do globo terrestre.

O desenvolvimento da telegraphia varia muito nos diferentes paizes da Europa. Para apreciar o lugar que estes paizes ocupam com relação á sua rede electrica, pôde-se calcular qual é o comprimento do fio empregado por kilometro quadrado de territorio; d'este modo, obtém-se um resultado racional.

Ora sob este ponto de vista, a Belgica está no primeiro plano com 800 kilómetros de fio por kilometro quadrado de territorio. Em segundo lugar, a Inglaterra com 563 kilómetros; logo, a Alemanha com 441 kilómetros, os Países Baixos com 403, a Suíça com 390; e, emfim, a França com 341 kilómetros de fios telegraphicos por kilometro quadrado de superficie. A Austria, a Itália, a Dinamarca, figuram depois.

Os Estados Unidos, apesar dos seus 375.000 kilómetros de fios, e a Russia ocupam um lugar inferior n'esta classificação; mas isto é devido á enorme extensão do seu territorio.

A Suíça é o paiz onde as estações se acham mais

perto umas das outras; conta-se por estação 10 kilometros de fio e 5 de linhas, ou, o que é o mesmo, uma estação por legua. Na Alemanha ha uma estação por 7 kilometros de linha. Depois vem a Belgica, os Países Baixos, a Grã-Bretanha e a França, que conta por cada 10 kilometros de linha uma estação.

Se calcularmos qual é o numero de despachos expedidos por 1:000 habitantes nos diferentes paizes, veremos, com espanto, que é a Nova Zelandia a primeira n'esta classificação, com 2:334 despachos annuais por 1:000 habitantes. Depois acharemos outra colonia ingleza, a Victoria, mas isso provém da pouca densidade da sua população. Na Europa, as que estão em primeiro lugar, são a Suíça, a Grã-Bretanha, a Belgica e a França, cujo numero de despachos se eleva a 987 por 1.000 habitantes.

O numero de empregados da telegraphia em França eleva-se a 7:500.

Tem-se calculado, que a cada diminuição na taxa dos despachos, o augmento do numero d'estes corresponde proporcionalmente ao quadrado da diminuição.

O preço dos despachos em França é mais elevado que em muitos outros paizes da Europa. Não obstante, este modo de transmissão cada vez mais se generaliza nos campos, e todos os annos aumenta o numero de telegramas expedidos.

A EDIÇÃO DOS LUZIADAS DE EMÍLIO BIEL

Entre todas as publicações feitas para celebrar o Centenario de Camões, occupa o primeiro lugar esta esplendida edição do immortal poema, synthese e pregão das glorias de Portugal.

Nada se poupou para a tornar digna da obra que reproduzia, e da commemoração que celebrava.

Dividida em tres classes, a primeira de pergaminho, de que se tiraram 12 exemplares, a segunda de papel superior, numerado com 100 exemplares, a terceira é em papel velino commun, ainda assim bella e magnifica.

A edição pode ser encarada principalmente sob tres pontos de vista: typographicamente, litterariamente e artisticamente.

Typographicamente é ella um primor. O typo, a certeza e igualdade da composição, a correção, a nitidez da impressão, dão á edição o caracter de uma perfeição monumental.

Litterariamente temos a considerar a introdução, de José Gomes Monteiro, trabalho de historia e critica bibliographica do poema. O estudo é claro e methodico. Abre porem logo por um erro notável, e custa a crer que um homem tão eruditio, como José Gomes Monteiro, desconhecesse tanto o tempo de Camões, para asseverar com desassombro ser a tença de 158000 reis, irrisoria, e que mal chegaria para sustentar o poeta e sua mãe durante um mez! A tença não era extraordinaria, mas era maior do que a que obtinham muitos capitães e soldados valentes da Africa e da Asia, depois de grandes serviços; e se não era condigna do valor do poema, como hoje o consideramos, é assim mesmo superior, na sua significação, ao preço que pelo seu poema obteve o britanno *cogito vale*; o que dizemos da tença pode aplicar-se no preço do poema calculado pelo ilustre critico.

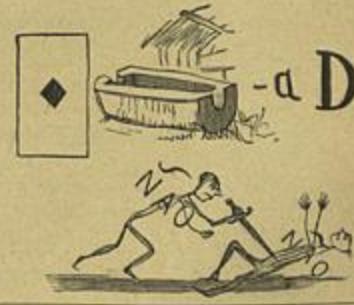
Pela mesma occasião o sr. Camilo Castelo Branco, em um pequeno estudo que precede uma edição do *Camões*, de Garrett, fazia comparações notaveis para avaliar a importancia real d'aquella pensão.

Segue-se como additamento um estudo, *Camões e os Luziadas*.

Este encargo tinha sido commetido a Alexandre Herculano, e depois a José Gomes Monteiro, de que a implaçavel morte os desonrou infelizmente, um apoz o outro. Ainda mal! Mas como todos os males tem a sua compensação, coube o preencher essa falta ao sr. Mendes Leal.

Não podia ser mais bem escolhido o homem de letras, nem mais bem tratado o assumpto. Espírito lucido sem preoccupações de escola e sistema, poeta e eruditio, sentindo no peito o calor que accende o engenho, e abrindo com a intelligencia vasta e illustrada um longo complexo de idéas, percebeu com una vista de agnia, que para avaliar Camões era preciso ir penetrar o meio em que elle viveu, não como critico mordaz para esculpear vicios e inventivar defeitos, mas como critico sagaz para prescrutar as idéas, os pensamentos, as doutrinas, as teorias, as leis, os usos, os costumes, e os sentimentos que dominavam os tempos em que o poeta nasceu, cresceu e se formou, enfeixal-os, concatenal-os e avalial-os, deduzindo d'ahi o que influiu no seu espírito, para produzir as grandes bellezas e os pretendidos defeitos que lhe têm sido acusados. A influencia do renascimento das letras da antiguidade, fazem-n'o assimilar as

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:
Furtar gallinha, apregoar rodilha

concepções dos grandes modelos, e dão-lhe as notas que lhe servem de meio, de ornato e não de fim; a crença viva religiosa, fal-o lastimar a divisão das seitas do christianismo, olhando-a como um erro e fraquesa, perante a potencia invasora do islamismo; a vida cortezã misturada com os combates das fronteiras africanas, dão-lhe aquella galhardia guerreira cujas notas não se confundem com as de nenhum outro poema; a philosophia da historia inspira-lhe as reflexões do velho nas praias do Rastelo, e muitos outros trechos não menos profundos; em sum, sciença do seu tempo, e os novos mysterios dos mares e terras descobertas, dão-lhe a pujança das descripções e grandezas das creações immortaes. De todo este conjunto, sue perfeitamente contemporânea e congrnente a grande figura do crente, do philosopho, do guerreiro, do eruditio, do poeta. Podem notar-se no estudo do illustre poeta uma ou outra expressão menos exata, como quando por exemplo, nos fala *das divisões das nações*; e ainda por ventura alguns equivocos quando toca na historia da typographia entre nós, e na successão das publicações litterarias, mas isso provem de não estarem ainda perfeitamente elucidados estes assumptos, e assentes entre nós. Aparte estes pequenos senões, tanto o estudo *Camões e os Lusíadas*, como o poemeto *A Vida*, que se lhe segue, parecem-nos ser o que melhor se escreveu por esse tempo a respeito do nosso épico, o que mais em harmonia está com o tempo e vida de Camões, e o que mais digno é da sua grande personalidade.

Na parte artística, cada canto é precedido de uma linda e magnifica portada em chromo-typographia, imitação do antigo, e de uma belleza grandiosa.

As estampas gravadas que adornam os Cantos do poema, algumas são extraídas da antiga edição do morgado de Matheus, reproduzidas em phototypia pelo próprio sr. Biel, bellas para o seu tempo, mas que não podem resistir ao exame da critica moderna.

As restantes, todas encommendadas a artistas allemandes de grande mérito, abundam nos mesmos defeitos. O sentir, o pensar, o viver dos portuguezes d'aquele tempo, em summa, as scenas que se descrevem no poema, não podem ser muito bem comprehendidas por artistas do norte, que, embora possuindo grande talento e sciença, se tem conservado um tanto fieis às tradições e meios classicos, impropios do tempo de hoje e da maneira moderna de ver e tratar os assumptos. Se se tivessem procurado de preferencia artistas italianos, hespanhoes, portuguezes ou mesmo franceses, a parte illustrada teria de certo outro enredo, outro carácter, introduzindo-se n'ela dados mais exactos com relação aos usos e costumes, que hoje em vista dos conhecimentos iconográficos e archeológicos, formam a base de toda a interpretação artística, e são de uma necessidade e importância indiscutivel em tudo o que é producto da arte.

Faz pena pois ver tantos esforços, tamanho cabedal, tão boa vontade, não terem sido acompanhados pelo alto criterio e senso artístico de que tantaos modellos nos

OLIVEIRA DE AZEMEIS — EGREJA MATER (Segundo um desenho do natural, por J. J. S. Praça)

offerece a arte moderna nas ilustrações das grandes edições do *Paraíso Perdido*, do *Dante*, do *D. Quichote*, dos *Echos das Montanhas*, etc.

Embora porém o desempenho artístico, ainda que bom, seja inferior ao que era de esperar, para corresponder ao desempenho litterario e typographic, a edição do sr. Biel é um monumento, o seu editor bem merece das letras e da memoria de Camões, vinculando a elle o seu nome a par do do morgado de Matheus, e o seu

commettimento é o mais importante do centenario, como acima dissemos.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artística.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6



ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Já está á venda este almanach, completa novidade.

O Almanach Illustrado do Occidente é um elegante livro de 80 paginas em grande formato e magnifico papel assetinado, adornado de mais de 50 gravuras de monumentos de Portugal, paisagens do paiz, quadros e esculturas de artistas portuguezes, vistas de Africa e raças africanas estudadas pelos exploradores portuguezes Capello e Ivens, com os retratos dos referidos exploradores, retratos dos escriptores Oliveira Martins e Eça de Queiroz, secção de necrologia com os retratos de Duque d'Avila e de Bolama, Barão de Japurá, Marquez de Fronteira, Sá Noronha, Guilherme Cossoul e Osorio de Vasconcellos.

Este almanach além de uma desenvolvida parte litteraria, contém kalendario completo e ilustrado, tabellas dos carris de ferro de Lisboa, dos caminhos de ferro portuguezes, preços de assignaturas de jornais que se publicam em Portugal, lei do selo, correios e telegraphos, floricultura e horticultura e annuncios illustrados de estabelecimentos importantes.

Uma secção de charadas e um enigma pittoresco com premio para quem o advinhar.

Um elegante frontespicio original de M. de Macedo e uma splendida capa em chromo-lithographia, original de A. Ramalho, representando uma festa infantil.

Preço 240 réis

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á EMPREZA DO OCCIDENTE, rua do Loreto, 43, Lisboa, onde se devem dirigir todos os pedidos.